

+ (&) ×

fanzine

51

6 poemas de Bill Knott

Plano de fuga

Examino
a minha pele

à procura
de um poro

com SAÍDA
por cima

Luxúria

O paraquedista que usa andas tão longas que chegam ao chão
Quer
Saltar mesmo assim.

Sem título

A bagagem do boneco de neve
está sempre a caminho.

Fui

Dos 20 aos 40
todos os dias disse
“Quem me dera estar morto.”

40 aos 65
cada dia gritei
“Quem me dera estar vivo!”

65 até quando calhar
baixinho diariamente
“Quem me dera uma das coisas.”

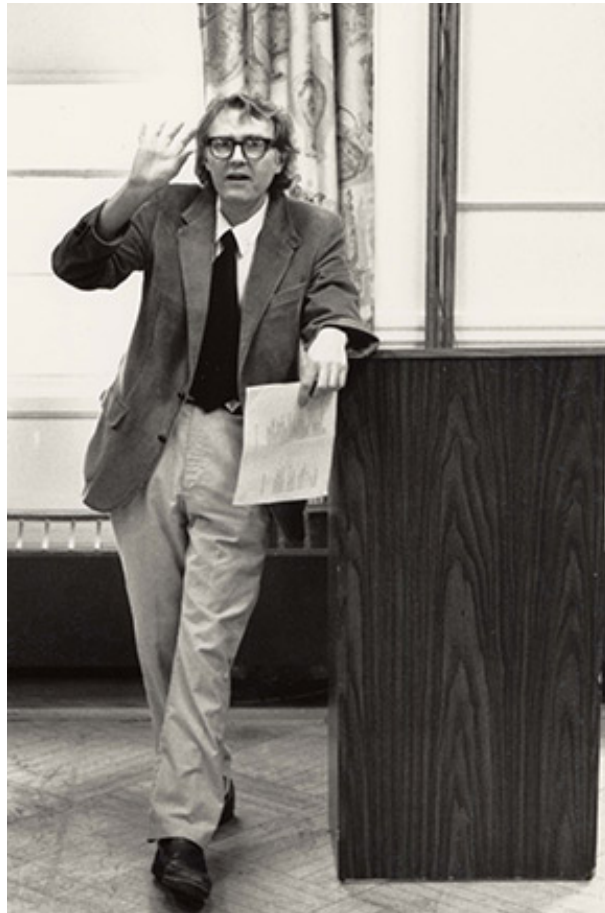
Poema

Mesmo quando as ruas estão vazias,
mesmo à noite, o sinal de *stop*
diz a verdade.

Tankatown

Um grande explorador
Descobriu esta ilha
Mas, felizmente,
A notícia
Não chegou ainda aqui.

(Tradução de fjc²)



Bill Knott, 1940-2014

*

Gérard Castello-Lopes





*

Tara*

Estava de pé junto à porta
na sua quinta na Virgínia
a vestir uma camisola
os ramos
do corniso
de que ela cuidara
estavam vergados
com as flores a soltarem-se
envoltas numa neve súbita
os veados

num espanto mudo
no limite do jardim
devagar meteu o telemóvel
no bolso
não acontecera nada
à filha
entre
pétalas caídas
quebrou
um ramo
a tempestade passou
pensou no rapaz
pensou nos mortos
pensou nas famílias
sentiu o vento
os veados não fazem isso
disse
os veados não fazem isso

Patti Smith(por fjc²)

*Nota de fjc²: O poema é sobre os trágicos acontecimentos em Virginia Tech, em Abril de 2007. Tara, presumo, será Tara Smith, viúva de Todd Smith, irmão de Patti, que tinha uma filha a estudar em Virginia Tech e a quem nada aconteceu.

*

Peripécias da Água, Julio Cortázar

Basta conhecê-la um pouquinho para entender que a água está cansada de ser líquido. Prova disso é que na primeira oportunidade se transforma em gelo ou vapor, o que tampouco a satisfaz; o vapor se perde em absurdas divagações e o gelo é tosco e desajeitado, fica quieto onde pode e de modo geral só serve para dar vivacidade aos pinguins e aos gin and tonic. Por isso a água delicadamente escolhe a neve, que anima a sua mais secreta esperança, a de fixar para si mesma as formas de tudo o que não é água, as casas, os prados, as montanhas, as árvores.

Acho que deveríamos ajudar a neve em sua reiterada mas efêmera batalha, e que para isso seria necessário escolher uma árvore nevada, um esqueleto negro sobre cujos incontáveis braços vem se estabelecer a branca réplica perfeita. Não é fácil, mas se ao prever a nevada serrássemos o tronco de forma que a árvore se mantivesse em pé sem saber que já está morta, como

o mandarim memoravelmente decapitado por um verdugo sutil, bastaria esperar que a neve repetisse a árvore em todos os seus detalhes e então retirá-la para um lado sem a menor sacudida, num leve e perfeito deslocamento.

Não creio que a gravidade desmanchasse o alvo castelo de cartas, tudo aconteceria como numa suspensão do vulgar e do rotineiro; em um tempo indefinível, uma árvore de neve sustentaria o sonho realizado da água. Talvez fosse destruída por um pássaro, ou o primeiro sol da manhã a empurraria para o nada com um dedo morno. São experiências que deveríamos tentar para que a água fique contente e volte a encher as jarras e copos com a alegria borbulhante que por ora reserva para as crianças e os pardais.

(Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht)

*

Linha editorial

Não haverá artigos de fundo. A colaboração pedir-se e aceitar-se-á mas, na sua quase totalidade, será roubada descaradamente. Procurar-se-á alguma responsabilidade na atribuição de autorias, locais do crime etc. Os temas serão múltiplos e nada coerentes. 4 páginas, o que vier a mais será bônus. Terrível aspecto gráfico. A orientação editorial poderá sofrer alterações inexplicáveis. Saída irregular.

O fanzine não será distribuído em saco de plástico e está disponível em

<https://fanzine2016.wordpress.com>

*

faneditores: francisco josé craveiro de carvalho, em fjcc@mat.uc.pt, & joana costa, em joana.x@gmail.com.

(**Floco de neve** na página seguinte)

*

Floco de neve



Monsieur Hulot - Serge Bloch